

Conclusão

A análise efetuada comprovou, com o devido embasamento teórico, que a obra de José J. Veiga é representativa, com valor indiscutível, do modelo mais aceito universalmente de literatura fantástica. Nesse sentido, Veiga pode ser considerado um pioneiro do fantástico no Brasil. No plano teórico, sua literatura só pode ser compreendida através da divisão da representação em três planos distintos, o que lhe confere um conhecimento de seu próprio projeto literário semelhante ao de Kafka, de maneira que sua literatura consegue ao mesmo tempo nos aproximar e nos afastar do real.

O fato de essa obra, cuja análise comparativa poderia ser de enorme interesse para os estudos literários atuais, ter caído no esquecimento por parte da maioria dos leitores e estudiosos pode ser atribuído propriamente ao viés de sua crítica sobre a realidade brasileira: o tom metafórico do discurso fantástico associado à denúncia concreta do cerceamento das liberdades individuais que impossibilitariam a visão crítica dos anos de chumbo da ditadura. O fato de a maioria dos críticos só terem atentado para o segundo aspecto de sua obra acabou por torná-lo um autor datado, quando a realidade brasileira apresentada por Veiga em diversos sentidos é ainda a mesma até os dias de hoje.

A proposta desta dissertação foi a de fazer uma releitura de José J. Veiga retornando às suas raízes fantásticas. Entretanto, como na filosofia de Aristóteles e em toda filosofia que pretende ter alguma validade prática, chegou o momento de prestar contas ao real, já que foi certamente dele que partiu a visão fantástica de Veiga.

Se, como afirma Oswald de Andrade¹⁹³, a poesia existiria nos fatos, não existiriam nos fatos igualmente as diversas visões de mundo¹⁹⁴, as reflexões

¹⁹³ Em seu “Manifesto Pau-Brasil”. In:

<http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifpaubr.html>

¹⁹⁴ Sobre a importância da visão, diz Aristóteles no início da “Metafísica”: “*Todos os homens, por natureza, tendem ao saber. Sinal disso é o amor pelas sensações. De fato, eles amam as sensações por si mesmas, independentemente da sua utilidade e amam, acima de todas, a sensação da visão. Com efeito, não só em vista da ação, mas mesmo sem ter nenhuma intenção de agir, nós preferimos o ver, em certo sentido, a todas as outras sensações. E o motivo está no fato de que a visão nos proporciona mais conhecimentos do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas.*” ARISTÓTELES, 2005, pg. 3. Julián Marías comenta essa passagem do filósofo: “*en definitiva es un estilo visual, es un pensamiento visual.*”

íntimas de cada um e, inevitavelmente, todos os problemas não resolvidos e todas as nossas contradições internas? Se a linguagem e a filosofia possuem uma parcela criativa e criadora, não seria o caso de tentarmos também observar o que exatamente se está criando para nós mesmos e para o nosso futuro?

A filosofia de Paul Ricoeur tende a generalizar o significado de narrativa como aquilo que dá sentido ao mundo. Narrar, para ele, seria construir um mundo próprio e, dentro desse mundo, se localizaria a história de cada um, com um sentido próprio. Cláudio Veloso conclui que a imitação conduziria, em certo momento, à própria identidade do imitador com o imitado. Então não seria de vital importância uma revisão constante de nossas narrativas e de nossos modelos, para tentar dar um sentido a nosso mundo e também tentar descobrir a quem exatamente estamos imitando?

A literatura de José J. Veiga abre espaço para todas essas reflexões e quase sempre termina com uma esperança no futuro. Mas essa esperança só existe se confrontada com a capacidade de observar o que há de fantástico, de estranho e de maravilhoso — e também de identidade, de emulação e de simulação — em nossos próprios hábitos e convívio. Veiga tentou ao máximo narrar o que via diante de si na imagem de um Brasil, de muitos brasis. Aproveitando-me da visão ao mesmo tempo crítica e fabulosa de José J. Veiga, termino esta releitura

No toda la filosofía es visual. La mayor parte de la filosofía no se ha hecho visualmente, yo he dicho a veces, parece un poco broma, que cuando un filósofo dice algo que no está viendo, ya dejó de interesarme: no está viendo. Ustedes leen, por ejemplo, a muchos autores que no están viendo lo que dicen, lo están razonando, están articulando silogismos..., pero no lo están viendo. Olvidaron a algo muy importante: y es que evidentemente, las mayores de los silogismos no se piensan, proceden de algo de intuición, de una visión, que es justamente lo que sabe muy bien Aristóteles. Precisamente por eso dirá que la forma suprema del conocimiento, la sabiduría, la sophia, es epistémē kai nous, ciencia y visión. La visión es capital, es justamente lo que nos inclina a la realidad y nos obliga a trabajar sobre ella. Pero si no hay esa visión capital, falta el elemento fundamental. Si ustedes toman la historia del aristotelismo, verán cómo eso es paradójico: se ha hecho un uso mínimamente visual de Aristóteles. La mayor parte de lo que se ha hecho utilizando Aristóteles, en nombre suyo, desarrollándolo, no era visual. Sería importante preguntarse por qué, por que razones. En definitiva, porque los intereses de los que lo manejaban, a parte de que el conocimiento, insisto, ha sido deficiente, ha sido indirecto, ha sido en traducciones en la mayor parte de la historia. Pero aparte de eso, qué es lo que se buscaba, qué es lo que importaba: se utilizaba Aristóteles como un instrumento. Hay, naturalmente, el uso de su lógica, que es fantástico. Sí, pero la lógica es simplemente un instrumento, es un instrumento para buscar la verdad, es un instrumento para encadenar las verdades, para inferir unas de otras, eso es importante. Es importante, sí, pero no se olvide el nous, no se olvide esa visión.” In: <http://www.hottopos.com/mirand11/jmariast.htm>

propondo uma revisão do nosso dia-a-dia depois de resgatar a obra de um escritor que olhou para as ruas, e descobriu o fantástico.